

# Transcrevendo solos

O hábito da transcrição é tão importante para o estudante de música quanto a imitação o é para as crianças em fase de aprendizado

Uma das tarefas mais importantes para quem quer ser um bom improvisador, além de tocar escalas, arpejos e ouvir os grandes solistas, tanto estrangeiros como brasileiros, é fazer a transcrição de solos. Para nos ajudar a entender por que e para que isso é tão importante, convidamos o músico Ademir Junior, que nos ajudará nessa missão.

Primeiro vamos entender de forma teórica os benefícios desse estudo e como começar a praticá-lo. Nas futuras edições daremos de presente a vocês algumas das transcrições que consideramos essenciais serem tocadas e ouvidas.

## IMITAÇÃO

Se tem uma escola que funciona em países que não dispõem de educação acadêmica de música popular, é a transcrição de solos. Essa prática se tornou cada vez mais popular depois dos belíssimos solos tocados pelos pais do jazz. Não se pode ignorar que a imitação pertence ao aprendizado humano em áreas como falar, dançar, cantar e tocar. Ninguém cria algo que já não esteja sendo feito de outra forma por alguém, portanto o que fazemos pode ser a extensão de algo já feito e assim podemos refazer ou construir algo novo com fragmentos já existentes.

Imitar faz parte da cultura humana, pois é imitando que se pode aprender algo para se comunicar em uma mesma linguagem e de forma que todos sejam compreendidos. Isso faz parte das linguagens preexistentes e estabelecidas para a comunicação social do homem. Porém, a imitação tem o seu tempo de eficiência e isso se dá como no caso de uma criança que fala – nos primeiros anos de vida e até que se alfabetize, a imitação será uns dos instintos práticos para sua sobrevivência. Traduzindo toda essa teoria para música, podemos entender que a transcrição de solos é algo tão importante para um estudante de improvisação quanto a imitação o é para uma criança que imita as primeiras frases dos pais.

A experiência de tirar as mesmas notas e tocar o solo de um músico que você tanto admira é essencial para a formação da linguagem na improvisação. Passar por cada nota, uma por uma, pacientemente trará experiências maravilhosas ao músico que sonha um dia fazer de forma semelhante o que faz o artista que tanto admira.

## TECNOLOGIA

De uma forma sensível, a tecnologia pode não ser tão benéfica quando se refere à transcrição de solos, pois os recursos disponíveis para a diminuição do andamento e até a escrita virtual em programas de edição de partituras privam o ouvido e o cérebro de passar por momentos de grande importância para a evolução do ouvido musical. Pode ser que com menos facilidade ao seu redor você desenvolva mais instintos para a percepção melódica, harmônica e rítmica. É o caso de tocar um solo ou uma frase na metade do seu andamento. Que bom poder ouvir ligeiramente todas as notas, mas a deficiência se instala quando você depende de ouvir sempre de forma lenta cada passagem, quando sabemos das riquezas e diversidades de andamentos que cada frase pode ter, uma sempre diferente da outra.

Outra questão importante é que o contato do lápis com o caderno guiado pela mão causa no cérebro uma informação que aos poucos forma o reconhecimento ou domínio de determinadas alturas, e estas podem se estender para o ritmo e harmonias. Logo, o músico pode desenvolver seu ouvido musical em três diferentes percepções; nesse caso, a repetição dará a segurança no reconhecimento de intervalos e divisões. Imagens sonoras também se formam à medida que se desenvolve a percepção nos três quesitos. Isso seria semelhante ao que se faz com crianças ao lhes ensinar o nome de cada objeto; nesse caso, uma identificação visual, e no nosso caso, a identificação é auditiva aprendendo a dar nome a tudo que se escuta.

## POR QUE É TÃO IMPORTANTE?

Pode alguém perguntar se isso seria tão necessário para a improvisação sendo que, para improvisar, não seria melhor sentir o feeling da música e mandar ver?

De fato a inspiração constante com base em um rico vocabulário é suscetível a um grande sucesso, e sucessivos solos bem equipados de ricas melodias e formas verticais, ou seja, formas harmônicas de se pensar no mundo da improvisação. Resumindo, só se pode ganhar na transcrição de solos, pois desenvolver a percepção é criar um rico vocabulário que será necessário para a diversidade de estilos com que nós, profissionais, lidamos todos os dias, e precisamos ser cada vez menos repetitivos, pois a magia das notas e a beleza das frases se dão justamente em saber manipular consciente ou inconscientemente, teoricamente ou de forma prática e instintiva a física sonora dos intervalos, arpejos e escalas.

Tudo isso poderá ser encontrado, analisado e esmiuçado quando você tem um solo à sua frente e depois de horas, dias ou semanas, e muito suor, tem algo que parece como se você mesmo tivesse criado, tamanho é o trabalho que se tem ao praticar a arte de transcrever solos. Trabalhei isso por exatos 13 anos da minha vida musical, até que cheguei ao ponto de não querer mais fazer, por razões óbvias e pela necessidade de não depender mais do pensamento dos grandes músicos e sim partir para a maior idade, ou sei lá, para uma adolescência rebelde, pois nunca se sabe se o tanto que sabemos, sabemos de fato, ou apenas estamos molhando os pés em novas águas.

Agora quero compartilhar um pouco sobre a experiência da transcrição de solos com os leitores. Vamos à prática!

## MÃOS À OBRA

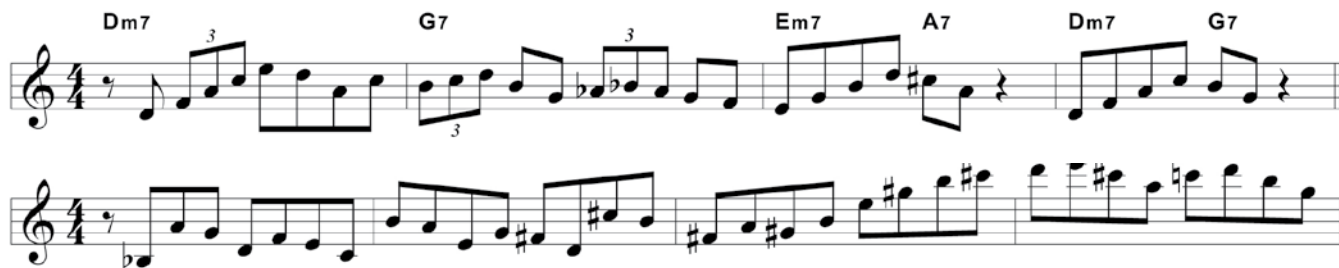
O que nos faz querer tocar o que ouvimos é que gostamos e nos identificamos com um solo, então basta escolher algo não muito complicado e de preferência de andamento médio para lento, até que se acostume com a velocidade das passagens melódicas. Os músicos de instrumentos melódicos poderão ter mais facilidade para essa prática, mas isso não é regra.

No início você pode usar o seu instrumento, até que depois de algum tempo isso já não será tão necessário, dependendo da dificuldade do solo e do tanto que seu ouvido evoluiu em percepção.

Como existem tipos de sons diversos, como tonais, modais e sons que se misturam em micropassagens de tons ou modos, o ouvido só per-

ceberá as diferenças à medida que souber analisar e distinguir o contexto harmônico dos solos. Vamos a exemplos de sequência tonal.

### Exemplo 1



Nesse caso, os sons são mais intuitivos para a nossa cultura, por isso o ouvido os percebe com mais naturalidade, pois a harmonia caminha sempre pedindo resolução e repousando.

A dica para cada frase é tirar as primeiras notas – sendo uma ou duas já é um início, pois o que desanima muitos estudantes é que pensam que devem ouvir toda a sequência, quan-

do na verdade o princípio é que uma nota vem após a outra. Isso é crucial para o progresso, pois se você tirou a primeira já parte para a segunda e assim por diante. Por isso é importante escrever, pois se você esquece, com a partitura escrita terá sua obra feita, podendo recorrer a ela mesmo que se esqueça de parte do solo.

### Exemplo 2 – Já em uma sequência modal



**SAX & METAIS**

A revista para quem toca e ama instrumentos de sopro

[www.saxemetais.com.br](http://www.saxemetais.com.br)

The advertisement features a saxophone on the right and a magazine cover on the left. The magazine cover includes the text: "SAX & METAIS", "GERALD ALBRIGHT", "ARRANJOS IRADOS!", "LANÇAMENTOS PALMETAS, INSTRUMENTOS E MUITO MAIS", and "4 AULAS SENSACIONAIS PARA GAITA, TROMPETA E SAXOFONE".

## Exemplo 2 – continuação



As seqüências modais, apesar de serem semelhantes, podem não ser tão óbvias para quem tem um ouvido mais tonal, pois elas po-

dem estar deslocadas da posição original do acorde, o que dificulta a percepção e torna mais necessário o uso do instrumento.

## Exemplo 3 – Microtons relacionados



Aqui, o que se torna um pouco mais difícil é o fato de que a melodia segue uma harmonia própria, sobrepondo-se à harmonia proposta, e na frase estão envolvidos vários recortes de tons que, se tocados de forma rápida, vão enriquecer o som proposto do acorde.

Nesse caso, o ouvido poderá ter mais dificuldade no início. Por isso é bom começar a se aventurar em algo simples e mais melódico, para entender os princípios usados de forma mais clara.

## Exemplo 4

Há também a questão rítmica e a possibilidade do choque de divisão escrita, pois a escrita sugere uma execução quase semelhante:



Como a diferença não é tão grande na escrita, poderá haver esse choque se o estudante não estiver muito acostumado, e de forma didática isso não é problema, pois a divisão não nega o princípio melódico. O importante no início é interpretar e tocar as notas certas, sendo que com o tempo o ouvido perceberá melhor as diferenças, mesmo as mais sutis.

## RESULTADOS

O trabalho poderá demorar dias, mas o importante é não se desesperar se o solo parecer muito difícil. É claro que seu ouvido terá um nível de percepção para poder se aventurar em cada solo, mas se o que você escolheu o fizer soar bastante, isso valerá a pena. Por vezes você poderá passar uma melodia 20 vezes e não ouvir o ritmo ou as notas com clareza. Isso é normal até que você desenvolva mais sua percepção. Faz parte do processo e não deve ser motivo de preocupação.

Cuidado para não se viciar em tirar notas erradas e não conferir, senão a escrita fica errada e o ouvido vicia. Isso é perfeitamente possível, e poderá ser um autoengano. Por isso, ao tirar, você deverá tocar várias vezes para conferir todos os sons. A prova dos nove é pedir para alguém tocar com a gravação. Se for um bom executante, logo você mesmo perceberá as diferenças. Se você tocar e viciar em se enganar, com o tempo arrumará um problema.

Com esses cuidados será possível obter um nível satisfatório em cada solo. Com o passar dos anos, tudo vai clareando e aquela velha frase do 'quebrou tudo' vai dando lugar a um melhor entendimento, em que você perceberá cada escala, divisão e passagem harmônica executada. Acredite, tudo é possível, basta praticar, e de forma exaustiva poderá chegar a um nível que jamais imaginou. Com um empurrãozinho, objetivo, paciência e autoestima, as coisas vão ficando cada vez mais acessíveis, e depois de algum tempo você acabará entendendo as linhas de solo e analisará tudo por cima, sem a necessidade de esmiuçá-las.

## CONCLUSÃO

Sei que existem várias linhas de pensamento sobre tirar ou não solos, mas deixo aqui a minha contribuição dizendo que para mim tudo isso funcionou, pois sempre pensei que não somos autossuficientes. Nossa inspiração vem das mínimas coisas até as mais complexas. Nesse caso, copiar solos é como gerar imagens musicais e conteúdo, para que você os tenha em seu cérebro e acesse sempre que precisar. É importante relembrar o legado de cada músico, mesmo que seja em uma frase, pois isso mostra a importância e a grandeza do que eles são para todos nós, estudantes e profissionais da improvisação.

Terminando essa dica, lembro que é importante ir dificultando o nível para chegar a músicas tecnicamente mais complexas, e tornar esse exercício uma prática saudável. Nenhum músico cria todas as situações musicais de forma instantânea e sim acessa informações que estão no cérebro, pois se elas não estiverem lá, de onde se pode tirar?

Nesses 13 anos cheguei a tirar cerca de cem solos. Entre eles, cito os seguintes músicos: Oliver Nelson, Freddie Hubbard, Miles Davis, John Coltrane, Michael Brecker, Branford Marsalis, Kenny Garrett, Joshua Redman, Eddie Daniels, Wynton Marsalis, Pat Metheny, Vitor Assis Brasil, Idriss Boudrioua, Lula Galvão, Alexandre Carvalho, Widor Santiago, Marcelo Martins e Moisés Alves.

Lembro que um dos nossos maiores saxofonistas de todos os tempos disse que 90% do que ele tocava era tirado de John Coltrane. Quem é ele? Michael Brecker. E deixo aqui uma frase que a Elizabeth Taylor disse sobre Michael Jackson se inspirar em James Brown: "Um artista sempre se inspira em outro bom artista".

Para mim, a diferença é que o que você pode fazer é expandir o conhecimento adquirido uma vez que toma emprestada a inspiração de outros para seu laboratório musical. Por fim, tenho certeza de que por mais que se copie, não existem dois DNAs idênticos. Sua assinatura e alma estarão lá, soando sempre de uma nova forma. [sax](#)